

DX

A história de Silas

Na noite imediata, acompanhando o Assistente, eu e Hilário achámo-nos de novo na residência de Luís.

Os irmãos de Antônio Olímpio receberam-nos de bom grado.

Em larga copa da fazenda, reunia-se a família a dois agregados, em repasto ligeiro.

Marcava o relógio vinte e uma horas.

A fisionomia do dono da casa era quase a mesma da véspera, não obstante a diferença que a máscara física lhe impunha.

Enquanto Adélia acariciava as crianças, entontecidas de sono, o marido comentava o noticiário radiofônico, destacando apontamentos alarmantes que assinalara nos setores da economia. E, falando para os amigos assombrados, salientou as dificuldades públicas, relacionou misérias imaginárias, criticou os políticos e os administradores e referiu-se às pragas do café e da mandioca, detendo-se, particularmente, sobre as epizootias.

Por fim, não satisfeito em enunciar as calamidades da Terra, falou, inconsequente, quanto à suposta ira do Céu, afirmando crer que o fim do mundo estava próximo e clamando contra o egoísmo dos ricos, que agravava o infortúnio dos pobres.

Silenciosos todos, ouvíamos-lhe a palavra, quando Leonel, mais confiado, dirigiu-se ao Assistente, observando:

— Estão vendo? Este homem — e apontou Luís, cujo verbo dominava a pequenina assembleia familiar — é o derrotismo em pessoa. Enxerga

tudo em termos de cinza e lama, ajuíza com firmeza sobre os desastres sociais e conhece as zonas mais tristes da indigência coletiva, entretanto, não sabe desfazer-se de um só centavo dos milhões que retém, a favor dos que sofrem nudez e fome...

E, depois de um sorriso irônico:

— Acreditam, acaso, possa ele continuar merecendo a felicidade da permanência num corpo carnal?

Silas contemplou as personagens da cena doméstica, mostrando imensa piedade no semblante amigo, e considerou:

— Leonel, todas as suas anotações apresentam lógica e verdade, à primeira vista. Superficialmente, Luís é um exemplar consumado de pessimismo e de usura. Todavia, no fundo, ele é um doente necessitado de compaixão. Há moléstias da alma que arruinam a mente por tempo indeterminado. Quem seria ele, amparado por influências outras? Espiritualmente abafado entre as visões da fortuna terrestre com que lhe assediámos o pensamento, o infeliz perdeu o contacto com os livros nobres e com as nobres companhias. Tem a socorrê-lo apenas a religião domingueira dos crentes que se julgam exonerados de qualquer obrigação para com a fé, contanto que participem do ofício de adoração a Deus, no fim de cada semana. Quem poderia prever-lhe as mudanças benéficas, desde que pudesse receber outro tipo de assistência?

Clarindo e Leonel registaram-lhe as ponderações como se se vissem apunhalados no âmago, tal a expressão de revolta que lhes assomou ao olhar coruscante.

— No entanto, ele e o pai são nossos devedores... Roubaram-nos, assassinaram-nos... — exclamou Leonel com a inflexão da criança voluntariosa e inteligente que se vê contrariada em seus caprichos.

— E que desejam vocês que eles façam? — acrescentou o Assistente, sem perturbar-se.

— Não-de pagar!... Pagar!... — bramiu Clarindo, cerrando os punhos.

Silas sorriu e obtemperou:

— Sim, pagar é o verbo próprio... Contudo, como pode o devedor resgatar-se, quando o credor lhe subtrai todas as possibilidades de solver os débitos? Que a nós mesmos cabe sanar os males de que somos autores, não padece qualquer dúvida... Entretanto, se nos compete retificar hoje uma estrada que ontem desorganizámos, como proceder se nos decepam agora as mãos? O próprio Cristo aconselhou: — «Ajudai aos vossos inimigos.» (*) Muitas vezes, penso que semelhante afirmativa, corretamente interpretada, quer assim dizer: — ajudai aos vossos inimigos para que possam pagar as dívidas em que se emaranharam, restaurando o equilíbrio da vida, no qual tanto eles quanto vós sereis beneficiados pela paz.

Via-se que o Assistente, com a simpatia conquistada na véspera e com a argumentação desprestigiada e límpida, lograra inequívoca superioridade moral sobre o ânimo dos obsessores de sentimento enrijecido. Ainda assim, Leonel perguntou a medo:

— Que considerações são essas? será você algum padre disfarçado? intentará, porventura, a nossa modificação?

— Engana-se, meu amigo — informou o Assistente —; se algo procuro, em nossa comunhão fraterna, é a minha própria renovação.

E talvez porque longa pausa se fêz sentir em nosso grupo, Silas continuou:

— Pela sedução do dinheiro, também caí na última passagem pela Terra. A paixão da posse governava-me todos os ideais... A fascinação pelo

(*) André Luiz põe nos lábios de sua personagem uma síntese dos v. 27 e 28 do cap. 6 de Lucas, para ser mais facilmente compreendido por aqueles Espíritos cheios de ódio, aos quais repugnaria o verbo "amar". Eles se rebelariam diante do texto completo. Seria inabilidade falar em "amar" naquele momento; mas "ajudar" a pagar foi bem aceito, porque eles queriam receber. (Nota da Editora.)

ouro tomou-me o ser de tal modo que, apesar de ter recebido o título de médico numa universidade venerável, fugi ao exercício da profissão para viajar os movimentos de meu velho pai, a fim de que nem ele mesmo viesse a dispor, com largueza, dos bens de nossa casa. O apego às nossas propriedades e aos nossos haveres transformou-me num réprobo do paraíso familiar, convertendo-me, ainda, num verdugo intratável, naturalmente odiado por todos os que viviam em subalternidade no vasto círculo de minha temporária dominação... Para amontoar moedas e multiplicar lucros fáceis, comecei pela crueldade e acabei nas malhas do crime... Abominei a amizade, desprezei os fracos e os pobres e, no temor de perder a fortuna cuja posse total ambicionava, não hesitei adotar a delinquência como sócia infernal de meu terrível caminho...

Ante as palavras do Assistente, enorme surpresa me tomara de improviso.

Estaria Silas reportando-se à verdade crua ou se utilizava naquela hora de recursos extremos, incriminando indevidamente a si próprio, para regenerar os carrascos que nos ouviam?

De qualquer modo, eu e Hilário havíamos prometido não lhe comprometer a tarefa e, por isso, taticamente, nos limitávamos a escutá-lo com atenção.

Sentindo, decerto, que Leonel e Clarindo se mostravam um tanto comovidos, dando ensejo à assimilação de pensamentos novos, Silas convidou-nos a todos à retirada do ambiente.

Pretendia dizer-nos algo de sua experiência — falou ele —, mas preferia conversar conosco ante o altar abençoado da noite, a fim de que a sua memória pudesse evocar tranquilamente os fatos que buscava relatar.

Lá fora, as constelações resplandiam, como lares pendentes da Criação, e o vento perfumado corria, célere, como quem se propunha transportar-nos a oração ou a palavra para a Glória do Céu.

Incapaz de penetrar o verdadeiro sentido da inesperada atitude que o Assistente vinha de assumir, notei-o efetivamente emocionado, qual se fixasse os olhos da alma em painéis distantes.

Clarindo e Leonel, naturalmente dominados pela simpatia a se lhe irradiar do semblante, observavam-no, submissos.

E Silas começou em voz pausada:

— Tanto quanto posso abranger com a minha memória presente, lembro-me de que, em minha última viagem pelos domínios da carne, desde a meninice, me entreguei à paixão pelo dinheiro, o que hoje me confere a certeza de que, por muitas e muitas vezes, fui usurário terrível entre os homens da Terra. Hoje sei, por informações de instrutores abnegados, que, como de outras ocasiões, renasci na derradeira existência, num lar bafejado por grande fortuna, a fim de sofrer a tentação do ouro farto e vencê-la, a golpes de vontade firme, na lavoura incessante do amor fraterno, caindo, porém, lamentavelmente, por minha infelicidade. Era eu o filho único de um homem probo que herdara dos avoengos consideráveis bens. Meu pai era um advogado correto que, por excesso de conforto, não se dedicava aos mistérios da profissão, mas, profundamente estudioso, vivia rodeado de livros raros, entre obrigações sociais, que, de alguma sorte, lhe subtraíam a personalidade às cogitações da fé. Minha mãe, porém, era católica romana, de pensamento fervoroso e digno, e, embora sem descer conosco a qualquer disputa na esfera devocional, tentava incutir-nos o dever da beneficência. Recordo-me, com tardio arrependimento, dos reiterados convites que nos dirigia, bondosa, para que lhe palmilhássemos as tarefas de caridade cristã, convites esses que meu pai e eu recusávamos, sem discrepância, encastelados em nossa irreverência enfatuada e risonha. Minha genitora cedo percebeu que meu pobre espírito trazia consigo o azinhavre da usura e, reconhecendo que lhe seria

extremamente difícil colaborar na renovação íntima de meu pai, homem já feito e desde a infância habituado à dominação financeira, concentrava em mim seus propósitos de elevação. Para isso, buscou estimular-me ao gosto pelos estudos de medicina, alegando que, ao lado do sofrimento humano, poderia eu encontrar as melhores oportunidades de auxílio ao próximo, tornando-me agradável a Deus, ainda mesmo que não me fôsse possível entesourar os recursos da fé. Intimamente eu escarnecia das sagradas esperanças de quem me era a criatura mais cara ao espírito, contudo, sem poder resistir-lhe ao cerco afetivo, consagrei-me à carreira médica, muito mais interessado em explorar os enfermos ricos, cujos agravos do corpo, indiscutivelmente, me facultariam amplas vantagens materiais. Entretanto, em vésperas da vitória estudantil esperada, minha mãe, relativamente moça, despediu-se da experiência física, vitimada por um acidente de angina. Nossa dor foi enorme. Recebi meu diploma de medicina, qual se me fôra ele detestada recordação, e, não obstante os estímulos da bondade paterna, não cheguei a ingressar na prática da profissão conquistada. Recolhi-me à intimidade doméstica, de que me ausentava tão somente para as estações de entretenimento e repouso, então mais que nunca chafurdado na sovínice, porquanto acompanhei o inventário de minha mãe, com vigilância tão rigorosa que as minhas estranhas atitudes chegaram a surpreender meu próprio pai, egoísta e displicente, mas nunca avarento quanto eu. Compreendi que a fortuna herdada me situava, para meu infortúnio moral, a cavaleiro de qualquer necessidade da vida física, por largos anos, desde que não me confiasse à dissipação... Ainda assim, quando vi meu genitor inclinado às segundas núpcias, quase aos sessenta de idade, fiz quanto pude, indiretamente, para dissuadi-lo, afastando-o de tal intento. Ele, todavia, era um homem resolutos nas decisões e desposou Aida, uma jovem da minha

idade, que mal se avizinhava dos trinta anos... Recebi a madrastra como intrusa em nosso campo doméstico, e, tomando-a por aventureira comum, à caça de fortuna fácil, jurei vingar-me. Apesar das carinhosas requisições do casal e não obstante o tratamento gentil que a pobre moça me dispensava, exhibia sempre um pretexto para fugir-lhe à convivência. O novo matrimônio, no entanto, passou a exigir do esposo mais dilatados sacrifícios no mundo social de que Aída não pretendia afastar-se, e foi assim que, ao término de alguns meses, meu genitor era obrigado a procurar o socorro médico, recolhendo-se, então, a necessário repouso. Acompanhava-lhe a decadência orgânica, tomado de vivas apreensões. Não era a saúde paterna que me feria a imaginação, mas sim a extensa reserva financeira de nossa casa. Na hipótese do súbito falecimento do homem que me trouxera à existência, de modo algum me resignaria a partilhar a herança com a mulher que, aos meus olhos, indêbitamente ocupava o espaço de minha mãe.

O Assistente fez longa pausa, enquanto lhe fixávamos o semblante melancólico.

De mim mesmo, atônito, diante do que me era dado ouvir, indagava, no íntimo, se tudo aquilo de fato se passara... Fôra Silas realmente o homem a quem se reportava ou compunha ele aquela história para alterar o ânimo dos perseguidores?

Contudo, não me foi possível desfechar qualquer interrogação, porquanto o nosso amigo, como que desejoso de castigar-se com a dolorosa confissão, prosseguiu, pormenorizando:

— Passei a arquitetar planos delituosos, quanto à melhor maneira de alijar Aída de qualquer possibilidade de ingresso futuro ao nosso patrimônio, sem melindrar meu pai doente... E nos projetos criminosos que me visitavam a cabeça, a própria morte da madrastra comparecia como solução. Entretanto, como suprimi-la sem causar maior sofrimento ao enfermo que eu desejava conser-

var?... Não seria aconselhável desmoralizá-la, antes de tudo, aos olhos dele, para que não padecesse qualquer saudade da mulher, condenada por mim à desvalia? Tramava no silêncio e na sombra, quando a ocasião esperada veio ao meu encontro... Convidado a comparecer com a esposa numa festividade pública, meu pai chamou-me e insistiu para que eu acompanhasse Aída, representando-lhe a autoridade... Pela primeira vez, acedi com prazer... Pretendia conhecer-lhe agora, de mais perto, as afeições... Funestos propósitos nasciam-me no crânio... Desse modo, durante alegre ágape, tomei contacto com Armando, primo de minha madrastra e que a cortejara em solteira. Armando era um rapaz pouco mais velho que eu, perulário e fanfarrão, que dividia o tempo entre mulheres e taças espumantes, a quem, contrariamente aos meus hábitos, ofereci premeditada comunhão afetiva... Tanto quanto possível, dominando moralmente o ânimo de meu pai, desde então o associei ao nosso campo doméstico, favorecendo-lhe o mais amplo retorno à intimidade com a criatura de quem se havia enamorado, anos antes. A praia, o teatro, a ópera, bem como passeios de variados matizes, eram agora os pontos costumeiros de nossa presença, nos quais intencionalmente eu atirava os dois primos nos braços um do outro... Aída não me percebeu a manobra e, embora resistisse, por mais de um ano, à galanteria do companheiro, acabou por ceder à constante ofensiva dele... Fingi desconhecer-lhes as relações até que eu pudesse conduzir meu pai ao testemunho direto dos acontecimentos... Inventava jogos e distrações para reter o sedutor em nossa casa... Capei-lhe a confiança absoluta, de modo a usá-lo como peça importante em meu criminoso ardid e, certa noite, em que, cauteloso, aparentei completa ausência de nosso tempo familiar, sabendo os amantes segregados em determinado aposento contíguo ao meu, procurei meu pai em sua dependência de enfermo e, masca-

rando-me com intensa dignidade ofendida, chamei-o a brios, numa exposição sintética dos fatos... Lívido e trêmulo, o doente exigiu provas e nada mais fiz que conduzi-lo, cambaleante, até à porta do quarto, cujo fecho eu próprio deixara enfraquecido... Bastou um empurrão mais forte e meu genitor, desolado, encontrou o flagrante que eu desejava... Armando, cínico, não obstante o desapontamento, afastou-se, lépido, ciente de que não poderia esperar qualquer golpe grave de um sexagenário abatido... Minha madrasta, porém, profundamente ferida em seu amor próprio, dirigiu ao velho esposo acusações humilhantes, procurando os seus aposentos particulares, numa explosão de amargura. Completando a obra terrível a que me devotara, mostrei-me mais carinhoso para com o enfermo, intimamente aniquilado... Duas semanas arrastaram-se pesadas para a nossa equipe familiar... Enquanto Aída ocupava o leito, assistida por dois médicos de nossa confiança, que nem de longe nos conheciam a tragédia oculta, afagava meu pai com lamentações e sugestões indiretas para que os bens de nossa casa fôssem, na maioria, guardados em meu nome, já que o segundo matrimônio não poderia desfazer-se, perante as autoridades legais. Prosseguia em minha faina delitosa, quando minha madrasta apareceu morta... Os clínicos de nossa amizade positivaram um envenenamento fulminante e, constrangidos, notificaram a meu pai tratar-se de um suicídio, decerto motivado pela insofreável neurastenia de que a doente se via objeto. Meu genitor estava mais sombrio nos aparatosos funerais, contudo, em meus destruidores propósitos, regozijei-me... Agora, sim... a fortuna total de nossa casa passaria a pertencer-me... Minha satânica alegria, porém, durou muito pouco... Desde a morte da segunda mulher, meu pai acamou-se para não mais se erguer... Debalde, médicos e padres amigos procuraram oferecer-lhe melhoras e consolações... Ao fim de dois meses,

meu pai, que nunca mais sorriu, entrou em dolorosa agonia, na qual, através de confidência entrecortada de lágrimas, me confessou haver envenenado Aída, administrando-lhe violento tóxico no calman-te habitual. Isso, no entanto — assegurava-me vencido —, impunha-lhe também a morte, de vez que não conseguia perdoar a si mesmo, passando a carregar consigo um fardo de remorso constante e intolerável... Pela primeira vez, minha consciência doeu, fundo. O apego aos bens da carne arrasava-me a vida... O velho querido morreu nos meus braços, crendo que os meus soluços de arrependimento fôssem pranto de amor. Deixando-lhe o corpo fatigado na terra fria, tornei a nossa casa solarenga, sentindo-me o mais infeliz dos seres... O ouro integral do mundo não me garantiria agora o mais leve consolo. Achava-me sózinho, sózinho e... infinitamente desgraçado. Todos os recantos e pertences de nossa habitação falavam-me de crime e remorso... Muitas vezes, a sombra noturna pareceu-me povoada de fantasmas horripilantes a escarnecerem de minha dor, e, em meio da malta de insensíveis demônios, a investirem contra mim, tinha a ideia de escutar a voz inconfundível de meu pai, clamando para minh'alma: — «Meu filho! meu filho! recua enquanto é tempo.» Fiz-me arredio, desconfiado... Em pavorosa crise moral, mandei a Europa, em longa viagem de recreio, mas o encanto das grandes cidades do Velho Mundo não conseguiu aliviar-me as chagas interiores. Em toda a parte, a refeição mais nobre amargava-me na boca e os mais belos espetáculos artísticos deixavam-me apenas ansiedade e desolação. Regressei ao Brasil, mas não tive coragem de retomar a intimidade com a nossa antiga residência. Amparado pela afeição de velho amigo de meu genitor, aceitei-lhe o acolhimento, por alguns dias, até que minha saúde orgânica me permitisse pensar numa transformação radical da existência... Embalado pelo carinho familiar daquele amigo, dei-

xei que longos meses passassem, tentando imerecida fuga mental... até que, numa noite inolvidável para mim, na qual minha gastralgia se transformara num azorrague de dor, tomei de um frasco de arsênico na adega de meu anfitrião, acreditando usar o bicarbonato de sódio que ali deixara na véspera, e o veneno expulsou-me do corpo, impondo-me sofrimentos terríveis... Qual acontecera à minha madrastra, que desencarnara em padecimentos atrozes, eu também passei pela morte em condições análogas... E os amigos que me assilavam no templo doméstico, desconhecendo o equívoco de que eu fôra vítima, admitiram, sem qualquer sombra de dúvida, que eu buscara no suicídio a extinção das penas morais que me castigavam a alma de «moço rico e entediado da vida», segundo a versão a que deram curso.

Silas relanceou o olhar tristonho sobre nós, como quem procurava o efeito de suas palavras, e prosseguiu:

— Isso, porém, não bastou para ressarcir minhas tremendas culpas... Dementado, depois do sepulcro, atravessei meses cruéis de terror e desequilíbrio, entre os quadros vivos a se me exteriorizarem da mente algemada às criações de si própria, até que fui socorrido por amigos de meu pai, que se achava igualmente a caminho da sua recuperação, e, unindo-me a ele, passei a empenhar todas as minhas energias na preparação do futuro...

Transcorridos alguns instantes de pesado silêncio, concluiu:

— Como vêem, a fascinação pelo ouro foi o motivo de minha perda. Tenho necessidade de grande esforço no bem e de fé vigorosa para não cair outra vez, porquanto é indispensável me consagrar a nova experiência entre os homens...

Leonel e Clarindo não se achavam mais surpreendidos que eu e Hilário, habituados a encontrar, em Silas, um admirável companheiro, aparentemente sem aflição e sem problemas.

Foi Leonel quem rompeu a pausa, perguntando ao Assistente que emudecera, qual se fôra subjugado pela força das próprias reminiscências:

— Voltará, então, para a carne, assim tão breve?

— Oh! quem me dera a ventura de regressar tão apressadamente quanto possível!... — suspirou o chefe de nossa expedição, algo ansioso. — O devedor está inelutavelmente ligado ao interesse dos credores... Assim, antes de tudo, é imprescindível venha a encontrar minha madrastra, no vasto país de sombra em que nos achamos, para encetar a difícil tarefa de minha liberação moral.

— Como assim? — perguntei, emocionado.

— Sim, meu amigo — falou Silas, abraçando-me —, meu caso não aproveita simplesmente a Clarindo e Leonel, que procuram a justiça pelas próprias mãos, o que, muitas vezes, apenas significa violência e crueldade, mas também a Hilário e a você que estudam presentemente a lei do carma, ou seja, da ação e reação... Aqui somos impelidos a recordar novamente a lição do Senhor: «ajudai aos vossos inimigos», porque, sem que eu mesmo auxilie a mulher em cujo coração criei uma importante adversária de minha paz, não posso receber-lhe o auxílio fraterno, sem o qual não conquistarei minha serenidade... Vali-me da fraqueza de Aída para arrojá-la ao despenhadeiro da perturbação, fazendo-a mais frágil do que já era em si mesma... Agora, eu e meu pai, que lhe complicamos o caminho, somos naturalmente constrangidos a buscá-la, soerguê-la, ampará-la e restituir-lhe o equilíbrio relativo na Terra, para que venhamos a solver, pelo menos em parte, a nossa imensa dívida...

— Seu pai? referiu-se a seu pai? — inquiriu Hilário, afoito.

— Sim, como não? — retrucou o Assistente — meu pai e eu, assistidos por minha mãe, hoje nossa benfeitores nas Esferas Mais Altas, estamos

associados no mesmo empreendimento. — nossa própria regeneração moral, em busca do levantamento de Aida —, sem o que não conseguiremos desintegrar o visco envenenado do remorso que nos aprisiona o campo mental nas faixas inferiores da vida terrestre. E' assim que nos cabe reencontrá-la, a benefício de nós mesmos... Tão logo a Divina Misericórdia nos permita semelhante felicidade, meu genitor, envolvido no amor e na renúncia de minha mãe que, com ele, retornará às lides da carne, vestir-se-á de nova expressão corpórea no plano das formas físicas e, ambos, na mocidade terrena, retomando os laços humanos do casamento, recolher-nos-ão por filhos abençoados... Aida e eu seremos irmãos nas telas consanguíneas... Consoante nossas aspirações que o Céu protegerá, à face da Magnanimidade Divina, serei novamente médico no futuro, ao preço de imenso esforço, para consagrar-me à beneficência, nela recuperando minhas valiosas oportunidades perdidas... Minha madrastra, que, por certo, viverá sofrendo deplorável intoxicação da alma, nos tenebrosos abismos, será socorrida em momento oportuno e, não obstante o tempo longo de assistência que nos reclamará neste plano, em necessário refazimento, sem dúvida renascerá em franzino corpo físico, junto de nós, de maneira a sanar as difíceis psicoses que estará adquirindo sob o domínio das trevas, psicoses que lhe marcarão a existência na carne, sob a forma de estranhas enfermidades mentais... Ser-lhe-ei, assim, não apenas o irmão do lar, mas também o enfermeiro e o amigo, o companheiro e o médico, pagando em sacrifício e boa vontade, afeto e carinho, o equilíbrio e a felicidade que lhe furtei...

A confissão do Assistente valia por todo um compêndio vivo de experiências preciosas, e, talvez por isso mesmo, entráramos todos em grave meditação.

Hilário, contudo, como quem não desejava per-

der o fio do ensinamento, dirigiu-se ao nosso amigo, considerando:

— Meu caro, disse você estar aguardando, em comunhão com o genitor, a alegria de reencontrar a madrastra... Como entender-lhe a alegação? porventura, com o seu grau de conhecimento, sofre alguma dificuldade para saber-lhe a moradia?

— Sim, sim... — confirmou o Assistente, tristonho.

→ E os benfeitores espirituais que atualmente lhes guiam a senda? não conhecerão eles o paradeiro dela, orientando-lhes os movimentos no objetivo a alcançar?

— Inegavelmente — ponderou Silas, bondoso — nossos instrutores não padecem a ignorância que me caracteriza no assunto... Entretanto, qual ocorre entre os homens, também aqui o professor não pode chamar a si os deveres do aluno, sob pena de subtrair-lhe o mérito da lição. Na Terra, por muito nos amem, nossas mães não nos substituem no cárcere, quando devamos expiar algum crime, e nossos melhores amigos não podem avocar para si, em nome da amizade, o direito de sofrer a mutilação que a nossa imprudência nos tenha infligido ao próprio corpo. Sem dúvida as bênçãos de amor dos nossos dirigentes hão trazido à minha alma inapreciáveis recursos... Conferem-me luz interior para que eu sinta e reconheça minhas fraquezas e auxiliam-me a renovação, a fim de que eu possa demandar, com mais decisão e facilidade, a meta que me proponho atingir... mas, em verdade, o serviço de meu próprio resgate é pessoal e intransferível...

Leonel e Clarindo ouviam-no, boquiabertos.

Falando de si mesmo, o Assistente, sem ferir-lhes o amor próprio, trabalhava indiretamente, para que se entregassem ao reajuste. E, pela expressão do olhar, via-se que os dois verdugos albergavam agora admirável mudança íntima.

Hilário refletiu alguns instantes e voltou a considerar:

— Mas todo esse drama deve estar vinculado a causas do pretérito...

— Sim, decerto — confirmou o Assistente —, mas, em nossa atormentada região, não há tempo mental para qualquer prodígio da memória. Achamo-nos presos à recordação das causas próximas de nossas angústias, dificultando-se-nos a possibilidade de penetrar o domínio das causas remotas, porquanto a posição de nosso espírito é a de um doente grave, necessitado de intervenção urgente, a favor do reajuste. O inferno, a exprimir-se nas zonas inferiores da Terra, está repleto de almas que, dilaceradas e sofredoras, se levantam, clamando pelo socorro da Providência Divina contra os males que geraram para si mesmas, e a Providência Divina lhes permite a ventura de trabalhar, com os dardos da culpa e do arrependimento a lhes castigarem o coração, em benefício das suas vítimas e dos irmãos, cujas faltas se afinem com os delitos que cometeram, para que se rearmem, tão apressadamente quanto possível, com o Infinito Amor e com a Perfeita Justiça da Lei... Pague-mos nossas dívidas, que respondem por sombras espessas em nossas almas, e o espelho de nossa mente, onde estivermos, refletirá a luz do Céu, a pátria da Divina Lembrança!...

Compreendemos que Silas auxiliava Clarindo e Leonel, identificando-os como irmãos de luta e aprendizado, no que, indiscutivelmente, ampliaria os próprios méritos.

Muitas inquições explodiam, em pensamento, no meu acanhado mundo íntimo... Quem lhe seria o pai amigo? onde viveria sua abnegada genitora? esperava despendar, ainda, longo tempo na procura da madrastra infeliz?...

Entretanto, a grandeza espiritual do Assistente não nos favoreceria qualquer pergunta indiscreta.

Apenas tive coragem para considerar, respeitoso:

— Oh! meu Deus, quanto tempo gastamos para refazer, às vezes, a inconsequência de um simples minuto!

— Você tem razão, André — comentou Silas, generoso —, a lei é de ação e reação... A ação do mal pode ser rápida, mas ninguém sabe quanto tempo exigirá o serviço da reação, indispensável ao restabelecimento da harmonia soberana da vida, quebrada por nossas atitudes contrárias ao bem...

E, sorrindo:

— Por isso mesmo, recomendava Jesus às criaturas encarnadas: — «reconcilia-te depressa com o teu adversário, enquanto te encontras a caminho com ele...» E' que Espírito algum penetrará o Céu sem a paz de consciência, e, se é mais fácil apagar as nossas querelas e retificar nossos descertos, enquanto estagiamos no mesmo caminho palmilhado por nossas vítimas na Terra, é muito difícil providenciar a solução de nossos criminosos enigmas, quando já nos achamos mergulhados nos nevoeiros infernais.

A ponderação era cabível e justa.

Não nos foi possível, porém, reatar o entendimento.

Leonel, cuja impassibilidade reconhecíamos, com com grande surpresa para nós tinha os olhos humedecidos...

Silas ergueu os olhos para o Alto, agradecendo a bênção da transformação que se esboçava e recolheu-o em seus braços.

O desditoso irmão de Clarindo queria falar... Percebemos que tencionava referir-se à morte de Alzira, no lago, mas o Assistente prometeu-lhe que voltaríamos na noite seguinte.

Logo após, confiámo-nos ao retorno, mas nem Hilário nem eu nos animámos a conversar com o denodado companheiro, que entrara, melancólico, em expressivo silêncio.